



# Excursão ao reino dos plumitivos e escrevinhadores<sup>1</sup>: uma exposição sobre a oficina de trabalho da KGW IX<sup>2</sup>

*Excursion dans le royaume des plumitifs et écrivailleurs:  
une exposition sur l'atelier de KGW IX*

**Marie-Luise Haase**

Coordenadora do projeto de edição integral dos cadernos do último Nietzsche (1885-1889), correspondente ao nono tomo da edição das obras completas (KGW IX), Berlin - Alemanha, e-mail: marieluisehaase@compuserve.com

---

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo comentar os resultados de trabalho da nova edição dos cadernos de Nietzsche, relativos ao período de 1885

---

<sup>1</sup> Cf. Za III, Do espírito de gravidade 1. [Foi utilizada aqui a tradução de *Assim falou Zaratustra*, de Mário da Silva, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989 (N.T.)].

<sup>2</sup> Gostaria de expressar meus agradecimentos a Marie-Luise Haase, autora do artigo (inicialmente publicado no n. 36 da *Nietzsche-Studien*, com o título “Excursion in das Reich der Tinten-Fische und Feder-Füchse. Ein Werkstattbericht zur Edition von KGW IX”), pela atenção e gentileza com que esclareceu cada uma das questões e dúvidas surgidas ao longo da presente tradução. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti, professora adjunta do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Revisão de Antonio Edmilson Paschoal, professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

a 1889, correspondente ao nono tomo das obras completas. Pretende-se apresentar, a partir de uma análise de casos específicos, de difícil decifração, a dinâmica do trabalho de edição, bem como explicitar, a partir de tais casos, a particularidade que constitui a escrita de Nietzsche. Trata-se, como se pode observar, de um trabalho filológico cuidadoso que reabre, ao certo, as discussões sobre as edições das obras de Nietzsche, em especial sobre aquelas que reúnem suas anotações pessoais e os fragmentos não publicados pelo filósofo.

**Palavras-chave:** Escrita. Decifração. Interpretação. Edição.

### *Résumé*

*Le but du présent article est de commenter les résultats du travail de la nouvelle édition des cahiers de Nietzsche, relatifs à la période de 1885 à 1889, correspondant au neuvième volume des œuvres complètes. L'intention est de présenter, en partant d'une analyse des cas spécifiques, de difficile déchiffrement, la dynamique du travail d'édition, ainsi qu'expliquer, à partir de ces cas, la particularité qui constitue l'écriture de Nietzsche. Il s'agit, comme on peut le voir, d'un travail philologique minutieux qui rouvre, à coup sûr, les discussions sur les éditions des œuvres de Nietzsche, en particulier sur ceux qui rassemblent leurs notes personnelles et des fragments non publiés par le philosophe.*

**Mots-clés:** Écriture. Déchiffrement. Interprétation. Édition.

---

Se compararmos a escrita de Nietzsche a uma paisagem, esta pode dar a impressão de um jardim francês cultivado, no qual cada arbusto, cada árvore, encontra-se precisamente em seu lugar, cada caule está bem cuidado e vistoso, os canteiros estão dispostos de modo ordenado: nos orientamos sem dificuldade nesse espaço. Podemos, também, compará-la a um jardim descuidado, no qual a antiga disposição está ainda parcialmente visível, embora, ao mesmo tempo, ervas daninhas cresçam livremente por toda parte. Surge então, de novo, a impressão de uma selva com troncos que se superpõem de forma compacta e se enroscam em torno de cipós colados uns aos outros, de um modo tal que mal se pode distinguir uma planta da outra. A última

imagem pode ser comparada a uma selva impenetrável, arisca, na qual não se pode transitar. O caminho dentro e por meio dela deve ser aberto com esforço, paciência, cautela, o que pode estar sempre, também, fadado ao fracasso.

O que significa, então, ‘decifrar Nietzsche’? Será que se trata, simplesmente, de *reproduzir*<sup>3</sup>, de modo legível, letra por letra, palavra por palavra, frase por frase, página por página? Além de letras, palavras e frases encontram-se inúmeros vestígios que nascem de uma pena obstinada, teimosa, enfática, que nascem de manchas de tinta que, por exemplo, no tracejar da haste de uma letra deixam ranhuras sobre o papel áspero que só podem ser descobertas por meio de uma lupa. É preciso, por conseguinte, examinar cada pequena mancha, examinar se se trata de um ponto, de um borrão de tinta ou de madeira infiltrada no papel. Cada partícula maior de tinta pode ser uma palavra, pode ser uma impressão de tinta fresca produzida pelo contato com a página oposta, uma mancha causada por furos no papel ou por tinta nos dedos. Nietzsche travou, incessantemente, uma luta com papel, tinta, canetas de pena, as modestas condições materiais para a maior parte das necessidades de sua vida, levando “uma verdadeira vida de *animal que escreve*” (Nietzsche a Franziska Nietzsche, 14 de setembro de 1888, KGB III 5, Nr. 1114, p. 431). Um vivo testemunho encontra-se na correspondência com sua mãe, que constantemente tinha que providenciar para ele tipos determinados de canetas de pena, até que, enfim, lhe foram recomendadas “canetas de pena Sönnecken nr. 5 para letra redonda”, com cuja qualidade ele ficou satisfeito (Nietzsche a Franziska Nietzsche, 17 de julho de 1888, KGB III 5, Nr. 1063). Nietzsche está às voltas, do mesmo modo, com uma permanente falta de papel, procurando resolvê-la a partir das muitas cartas que escreve a sua mãe e a sua irmã.

Algumas das críticas que Nietzsche fez a si mesmo no que diz respeito a seu manuscrito, considerado difícil de decifrar, embora muito conhecidas e frequentemente citadas, não devem deixar aqui de ser mencionadas:

“Amigos decifram meus garranchos” (Nietzsche a Otto Eiser, início de janeiro de 1880, KGB III 5, Nr. 1).

“Ah! a barbaridade de meus manuscritos, ninguém mais os consegue ler, eu inclusive!” (Nietzsche a Franz Overbeck, 13 de julho de 1880, KGB III 1, Nr. 127).

---

<sup>3</sup> A autora grifa, no original alemão, o prefixo ‘ab’ de *abzuschreiben* (copiar, reproduzir), prefixo que indica a imitação ou cópia conforme um modelo ou original (N.T.).

“Se não adivinhas o que penso, o manuscrito é indecifrável” (Nietzsche a Heinrich Köselitz, 25 de janeiro de 1881, KGB III 1, Nr. 77).

“Escrevo como um porco” (Nietzsche a Franz Overbeck, 22 de março de 1883, KGB III 1, Nr. 393).

Após longos anos de trabalho com os manuscritos de Nietzsche, pode-se constatar, contra seu próprio juízo negativo a respeito da legibilidade de seus escritos, que ele apresenta em grande parte uma forma relativamente coerente de escrita. Ele dispõe de algumas formas próprias de abreviações, de siglas, de omissões da parte central ou final da palavra; algumas formas de construção das palavras são tão semelhantes umas às outras que somente o contexto pode decidir o modo como serão decifradas. Não se deve perder de vista, nesse caso, que Nietzsche escrevia apenas para si mesmo e não para terceiros, com os quais tivesse alguma obrigação de legibilidade, embora desejasse, em geral, que seus apontamentos fossem lidos. O trabalho de decifração é difícil, também, nas passagens nas quais ele corrigia intensivamente seus manuscritos, nas quais escrevia uma palavra por cima da outra ou sobre a outra, riscava ou restaurava a palavra por meio de indicações. Uma vez que se tenha aprendido a conhecer e interpretar essa particularidade de sua escrita, pode-se dizer que ela se compõe, de modo geral, de 50% de simples leitura, 30% de casos difíceis, 10% de decifração; os 10% restantes situam-se para além do ‘ler e decifrar’, no domínio do pressentir e adivinhar, de modo que, comparativamente, o tempo gasto é inversamente proporcional. Essa última gradação cresce consideravelmente nos últimos cadernos, de tal forma que os valores percentuais se deslocam claramente para o último domínio mencionado.

Serão dados, a seguir, alguns exemplos dentre as várias novas decifrações que o nono tomo da KGW trouxe à luz. Tornou-se bastante evidente o fato de que, em inúmeros erros de decifração, as primeiras e últimas letras foram lidas corretamente, o que acontece, em geral, quando há uma percepção global do modo de construção das palavras. Nos últimos escritos de Nietzsche, essa é praticamente a única possibilidade de decifração, pois, em razão das excessivas omissões da parte central e final das palavras, as letras isoladamente quase não podem ser identificadas. Mas como demonstram os exemplos a seguir, é preciso acrescentar, ao menos em parte, uma leitura sintética, que leve em consideração o contexto, para confirmar o suposto modo de interpretação.

“A *inverdade* (*Unwahrheit*) em todo nosso louvar e criticar<sup>4</sup>” (KGW VII 3, 34 [216]).

“A *ignorância* (*Unwissenheit*) em todo nosso louvar e criticar” (KGW IX 1, N VII 1, p. 37, 2-6).

“O homem cultivado e sobre sua *continência* (*Enthaltbarkeit*) e durabilidade” (KGW VII 3, 35 [36]).

“O homem cultivado e sobre sua *conservabilidade* (*Erhaltbarkeit*) e durabilidade” (KGW IX 4, W I 3, p. 96, 8).

“artistas da corte ou *corruptos*” (*käuflichen*) (KGW VII 3, 35 [84]).

“artistas da corte ou da *igreja*” (*kirchlichen*) (KGW IX 4, W I 3, p. 5, 16).

“Leibnitz é perigoso, [...] mas sem *passado*” (*Vergangenheit*). (KGW VII 3, 36 [32]).

“Leibnitz é perigoso, [...] mas sem *nobreza*” (*Vornehmheit*). (KGW IX 4, W I 4, p. 26, 21-23).

“Natureza terrível, *pura como um raio de sol*” (*sonnenreine*), forte” (KGW VIII 2, 9 [116]).

“Natureza terrível, *soberana* (*souveraine*), forte” (KGW IX 6, W II 1, p. 51, 14-16).

“uma *aridez* (*Dürreheit*) quadrada” (KGW VIII 2, 9 [181]).

“uma *estupidez*<sup>5</sup> (*Dummheit*) quadrada” (KGW IX 6, W II 1, p. 5, 16-18).

Como erros na leitura de uma pequena palavra, erros de maior extensão podem produzir com maior razão uma mudança considerável de sentido, o que mostra claramente a correção das transcrições das seguintes anotações:

Essa *liberalidade moralista* pertence aos melhores sinais de nosso tempo. Se encontramos casos nos quais ela resolutamente está ausente, isso nos dá a impressão de doença (o caso Carlyle na Inglaterra, o caso Ibsen na Noruega, o caso do xxxxxxxx xxxxxxxx em toda Europa) (KGW VIII 2, 10 [176]).

A parte anterior indicada com sinais corresponde, na WM<sup>6</sup> p. 747 e na KGW VIII, às palavras “pessimismo schopenhaueriano”. A interpretação correta, então, corresponde, na transcrição da KGW IX (W II 2, p. 21, 29), às palavras “padre catól.”. Entretanto, quantos índices remissivos indicam essa passagem sob a palavra-chave “Schopenhauer”?

<sup>4</sup> Optamos por inserir o original alemão de cada palavra grifada para que o leitor possa acompanhar a semelhança das palavras (N.T.).

<sup>5</sup> Os grifos nos seis exemplos são da autora.

<sup>6</sup> A autora refere-se à compilação de escritos e apontamentos de Nietzsche intitulada *Vontade de Poder*, no original alemão, *Der Wille zur Macht* (N.T.).

Um outro caso de decifração, apesar de já ter sido mencionado em um outro artigo<sup>7</sup>, será aqui novamente apresentado por ser um exemplo decisivo para mostrar como três letras e uma terminação (“t” no lugar de “en”) podem produzir uma inversão completa do sentido da afirmação. Ela foi publicada, pela primeira vez, como aforismo 619, na compilação WM e, posteriormente, na KGW VII 3, 36[31]:

O vitorioso conceito de “força”, com o qual nossos físicos criaram Deus e o mundo (*Gott und die Welt geschaffen haben*), precisa, ainda, de um complemento: a ele deve ser atribuído um mundo interno que qualifíco como “vontade de poder”.

Na KGW IX 4 (W I 4, p. 26, 1) encontra-se a interpretação correta: “com o qual nossos físicos eliminaram Deus do mundo” (*Gott aus der Welt geschafft haben*). A forma de construção da palavra “e” (*und*) e “de” (*aus*) é quase sempre congruente, de modo que o “de” (*aus*) aparece, na maioria das vezes, um pouco mais redondo do que o “e” (*und*). Montinari estava próximo de descobrir o erro quando observou no Comentário suplementar<sup>8</sup> da KGW VII 4/2, p. 413, a respeito do fragmento 36[31], que no manuscrito constava “eliminaram” no lugar de “criaram”, o que, entretanto, foi por ele tomado como um lapso de Nietzsche.

O próximo caso de decifração incorreta é, provavelmente, um exemplo para a tentativa de estabelecer um sentido considerando o que foi possível ler e o que permaneceu incompreensível. As páginas em questão na KGW IX 4, W I 4, p.14-15, escritas com tinta violeta, estão claramente legíveis; a passagem problemática, entretanto, foi acrescentada posteriormente, com tinta preta, com letras muito pequenas e difíceis de ler, além de terem sido escritas sobre o encaixe.

[...] um meio infalível de tornar os homens inseguros, com a vontade enfraquecida, necessitados de companhia e de apoio, em resumo, de desenvolver no homem o *animal de rebanho*: eis porque até agora todos os grandes artistas do governo (Confúcio, na China, o *imperium romanum*, Napoleão, o papado na época em que xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx), nos quais até agora os instintos dominantes *culminaram*, também se serviram do *Esclarecimento* no plano espiritual (KGW VII 3, 36 [48]).

<sup>7</sup> Cf. HAASE, M.-L. “Nietzsche und...” *Nietzscheforschung*, Berlin, n. 10, p. 17-34, 2003.

<sup>8</sup> A autora refere-se ao “Nachbericht”, aparato crítico da KGW (N.T.).

Na edição GA<sup>9</sup> lemos nessa passagem: “voltou-se para o poder e não apenas para o mundo” (WM, p. 129), enquanto na KGW VII “ludibriava o poder e não apenas a plebe”. Na KGW IX, encontrou-se, felizmente, a correta interpretação: “tinha o poder e não apenas a vontade de poder” (W I 4, p. 14, 31-35, p. 15, 35). Além disso, corrigiu-se, na KGW VII 4/2, p. 420, a frase “até agora os instintos dominantes *culminaram*”, que estava no plural, para o singular: “até agora o instinto dominante *culminou*”.

Durante 100 anos sobreviveu uma decifração, à qual podemos atribuir a suspeita de antissemitismo que recaiu sobre Nietzsche. Não que ele não tenha feito observações desfavoráveis aos judeus, mas as frases a seguir, que foram publicadas pelo Nietzsche-Archiv no volume XIV da GA, p. 360, como aforismo 227, não estão entre elas:

Frequentemente despertei em meus críticos a impressão de ser um patife. Não *o que* se diz, porém que eu o diga e justamente o modo como eu cheguei a dizê-lo – esse parece ser o único interesse deles, uma petulância xxxxx, contra a qual se tem *in praxi* o pontapé como resposta.

No manuscrito, essa passagem, que foi escrita em tinta preta e intensamente reelaborada em tinta marrom (vermelha na versão impressa), encontra-se no fim da página. Na edição GA, a passagem assinalada anteriormente foi transcrita como “petulância de judeu” (*Juden-Zudringlichkeit*). As linhas encontram-se de tal modo sobrepostas que a decifração não é fácil. Trata-se claramente de um “u”, com uma visível ponta, e também claramente de um “d”. Logo a seguir percebe-se uma terminação, em geral pouco visível na escrita de Nietzsche, que pode ser lida tanto como “e” quanto como “en”. Entre “u” e “d” percebe-se um arco de ligação que pode ser uma junção direta de “u” e “d”, mas também uma outra letra indicada no meio da ligação do arco. A decisão sobre a decifração correta depende aqui unicamente da letra inicial maiúscula, que, apesar da sobreposição das linhas, apesar da colisão com uma palavra que foi sublinhada logo acima das linhas, deve sem dúvida alguma e de modo inteiramente inequívoco ser identificada com “H”. A situação da letra permite como única versão válida a palavra “*Hunde*”, ou seja, “petulância de cachorro”, o que é convincente e imediatamente plausível segundo o contexto.

<sup>9</sup> Trata-se da edição das obras de Nietzsche chamada *Grossoktavausgabe*, publicada em Leipzig entre 1894 e 1926, primeiramente pelo editor Naumann e, posteriormente, por Kröner (N.T.).

Montinari, infelizmente, não identificou o erro e o retomou na KGW (VIII 2, 10[20]). Tal conteúdo, o de ver um judeu ser tratado com um pontapé, não o agradou de forma alguma, ao contrário da irmã de Nietzsche, que, certamente, não teve maiores problemas com o fato. Mas Montinari considerou possível esse insulto, provavelmente, no contexto das observações existentes, antissemitas, que haviam sido feitas por Nietzsche. A interpretação correta está agora publicada na KGW IX 6, W II 2, p. 127, 39-41: uma petulância de cachorro (*Hunde-Zudringlichkeit*), contra a qual se tem *in praxi* o pontapé como resposta.

Apesar de Nietzsche, em sentido figurado, ter de bom grado distribuído pontapés, não há nenhuma evidência de que tenha querido dirigir-se assim a um judeu. Em compensação, ele declara-se de um modo especialmente significativo a favor de um tal ato no caso de Theodor Fritsch, antissemita declarado e organizador da “Correspondência antissemita”. Fritsch enviou, por vontade própria ou estimulado por Bernhard Förster, três exemplares dessa revista a Nietzsche, que os devolveu, declarando nas cartas de 23 e 29 de março de 1887, de um modo ao mesmo tempo educado e irônico, que não admitiria novas remessas. Em seus cadernos postumamente publicados encontram-se duas anotações; a primeira delas (KGW IX 3, p. 135,2-16)<sup>10</sup> é bastante semelhante à reação sarcástica aqui mencionada (KGW VIII 1, 7[67]):<sup>11</sup>

Recentemente um tal Theodor Fritsch de Leipzig escreveu-me. “Não existe nenhum bando tão descarado e estúpido na Alemanha quanto esses antissemitas”. Em carta lhe desferi, como agradecimento, um bom pontapé. Que ouse essa gentalha colocar na boca o nome Z<aratustra>! Nojo! Nojo! Nojo!

Em uma outra anotação são, também, os antissemitas que levam o pontapé:

Com o risco de os senhores antissemitas levarem um pontapé “de bom tamanho”, confesso que a arte de mentir, o ato “inconsciente” de estender os dedos compridos, compridos demais, o *apropriar-se* de bens alheios pareceu-me até agora mais evidente entre os antissemitas do que entre os judeus (KGW VIII 3, 23[9]).

<sup>10</sup> Cf. KGW VIII 1, 5[45]; no manuscrito N VII 3, p. 135, 10-14, segue-se à palavra “desferir” a seguinte frase riscada por Nietzsche: “e mal dissimulei o meu nojo diante de tal camaradagem”.

<sup>11</sup> Cf. Nietzsche a Theodor Fritsch, 23 de março de 1887, KGB III 5, Nr. 819, e 29 de março de 1887, KGB III 5, Nr. 823; cf. Nachbericht KGB III 7/3, 1 de III/5, p. 86 s. e p. 92 s.

Para concluir será apresentado, ainda, um erro de decifração cuja origem é dificilmente identificável. Um falso ponto de partida, como nesse caso, acaba produzindo um grande obstáculo, pois é muito difícil se distanciar dele e procurar por uma solução, possivelmente, bastante diferente. No fragmento 10 [196], na KGW VIII 2, encontra-se a seguinte anotação de Nietzsche: “A introdução para pessimistas – e, ao mesmo tempo, contra os pessimistas... a eles, que não sofrem com o que é problemático em nossa existência, nada tenho a dizer: eles gostam de ler jornais e se preocupar com judeus ruins”.

Na primeira versão, que foi escrita com tinta preta, Nietzsche escreveu: “eles gostam de ler jornais e se preocupar com a pátria”. Ele riscou a formulação “a pátria” com caneta e a substituiu (também com caneta) pela expressão que foi decifrada na KGW VIII como “judeus ruins” (*Schlecht-Juden*). Desse modo, no lugar de pensar na pátria, somos levados a pensar nos judeus ruins. Permitam a uma leitora que há mais de duas décadas se exercita em decifrar Nietzsche fazer uma observação que cientificamente pode parecer pouco qualificada: a composição “judeus ruins” ‘não soa Nietzsche’, que, como autor conhecido por suas criações de palavras, ‘não teria escrito algo tão descuidado’. Depois que a suspeita surgiu, foram feitas inúmeras tentativas para decifrar a estranha composição de palavras. Ficou claro, em primeiro lugar, que a parte inicial da composição poderia ser decifrada, entre outros, por “batalha” (*Schlacht*) ou “batalhas”. Em seguida, o traço de ligação das palavras pareceu muito longo para ser um traço de ligação, além de ser levemente curvo como um “no” (“*im*”, “*in*”), “de” (“*von*”), “como” (“*wie*”) escrito com pouca clareza. Uma série de pequenas palavras pouco visíveis no conjunto de composição de letras foi sugerida. Também a segunda parte da suposta composição de palavras suscitou incontáveis tentativas, parte delas extravagantes. O caminho foi longo e difícil, até que, enfim, a inspiração noturna de um dos colaboradores da equipe solucionou o enigma: a segunda palavra era “Sedan”. Por que não? Deve-se refletir sobre a “batalha de Sedan” (*Schlacht von Sedan*) no lugar de refletir sobre a (riscada) “pátria”!

Aqueles que hoje decifram Nietzsche em um *momento posterior* e de *modo novo*<sup>12</sup> podem recorrer aos inúmeros trabalhos dos organizadores da edição GA (sendo controversa, essa edição também deve ser discutida)

---

<sup>12</sup> A autora faz um jogo entre as palavras *nach*, depois, segundo, *neu*, novo, de novo, e *entziffern*, decifrar (*nach-* und *neuentziffern*) que encerra muitos significados: aqueles que decifram Nietzsche depois das primeiras edições de suas obras, que decifram Nietzsche de novo, decifram Nietzsche segundo Nietzsche e de um modo novo (N.T.).

e dos organizadores da KGW, Giorgio Colli e, especialmente, Mazinno Montinari. Sem tais edições, o empreendimento dos primeiros volumes de *Comentários suplementares (Nachbericht)* e aquele da KGW IX não estariam de forma alguma no estágio avançado que hoje se encontram, dada a extensão do material a ser trabalhado. Mas no novo trabalho de decifração essa vantagem esconde ao mesmo tempo, entretanto, uma desvantagem, um perigo, a saber, a grande dificuldade de manter, em relação aos textos já publicados, uma contínua distância, constantemente atenta e controlada, como no caso dos “judeus ruins”, descrito anteriormente, a fim de chegar a descobrir possíveis erros de decifração. A revisão das anotações de Nietzsche relativa ao último período de sua filosofia assinala, atualmente, depois de seis volumes da KGW IX terem sido publicados, um número considerável de correções. O extraordinário trabalho de Montinari, que desperta grande admiração e apreço até mesmo nos colaboradores da equipe que não o conheceram, não deve, de forma alguma, ser diminuído por meio da atitude doutrinária de apontar “erros”. Dado que ninguém pode ter a pretensão de trabalhar inteiramente livre de erros, embora possamos também ter essa aspiração, foi dada agora ao leitor a possibilidade de examinar as decifrações sem ter de visitar o *Goethe und Schiller Archiv* em Weimar. Cada volume da KGW IX é acompanhado de um CD-ROM que contém o conjunto das facsímiles dos respectivos volumes. Esse instrumento de trabalho é, talvez, especialmente interessante para as passagens que foram indicadas como “não decifradas”. Com isso, a curiosidade do leitor será despertada juntamente com o convite, acompanhado do grito encorajador<sup>13</sup>, de se arriscar na selva (ou no deserto) da decifração:

“Sê homem, Zuleica! Coragem! Coragem!”

## Referências

HAASE, M.-L. Nietzsche und... **Nietzscheforschung**, Berlin, n. 10, p. 17-36, 2003.

NIETZSCHE, F. **Briefe. Kritische Gesamtausgabe (KGB)**. Organizado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Edição continuada por Norbert Miller e Annemarie Pieper. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 1975-2004.

---

<sup>13</sup> Cf. Za IV, *Entre as filhas do deserto 2*, KGW VI 1, p. 380.

---

NIETZSCHE, F. **Werke. Kritische Gesamtausgabe (KGW IX 1-8)**. Organizado por Giorgio Colli eazzino Montinari. Edição continuada por Volker Gerhardt, Norbert Miller, Wolfgang Müller-Lauter, Wolfgang e Karl Pestalozzi. Seção 9: Der Handschriftliche Nachlaß ab Frühjahr 1885 in differenzierter Transkription. Editado por Marie-Luise Haase e Michael Kohlenbach [9/1-3]. Editado por Marie-Luise Haase e Martin Stingelin [9/4-8]. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 2001-2009.

NIETZSCHE, F. **Werke. Kritische Gesamtausgabe (KGW)**. Organizado por Giorgio Colli eazzino Montinari. Edição continuada por Volker Gerhardt, Norbert Miller, Wolfgang Müller-Lauter e Karl Pestalozzi em associação com a Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 1967-2011.

NIETZSCHE, F. **Grossoktav-Ausgabe (GA)**. Leipzig: C.G. Naumann, 1894-1904.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Recebido: 01/12/2011

*Received*: 12/01/2011

Aprovado: 15/12/2011

*Approved*: 12/15/2011